

## A aprendizagem da língua *waika karina* do *xapono* Pohoroá: caminhos para uma ciência Yanomami

Edinho Yanomami Yairimina Xamatari

Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia/Universidade Federal do Amazonas  
Professor temporário/Escola Estadual Indígena Sagrada Família/Xapono Pohoroá e  
Cachoeirinha

<https://orcid.org/0009-0004-3679-8816>  
[edinhoyanomami@outlook.com](mailto:edinhoyanomami@outlook.com)

Agenor C. de Vasconcelos Neto<sup>1</sup>

Doutor em Antropologia Social/Universidade Federal do Amazonas  
Professor Adjunto/Universidade Nilton Lins  
Colaborador/Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia/  
Universidade Federal do Amazonas

<https://orcid.org/0000-0002-6611-5017>  
[agenor.neto@ufam.edu.br](mailto:agenor.neto@ufam.edu.br)

### Introdução

O formato deste artigo se inspira na metodologia consolidada entre Davi Kopenawa e Bruce Albert (2019). A seguir, Edinho Xamatari escreve seu próprio texto, relatando sua trajetória e explicando seus anseios como pesquisador de mestrado. Seu objetivo é contribuir para a educação dos *ihiru*<sup>2</sup> de seu *Xapono*<sup>3</sup>, *Pohoroá*<sup>4</sup>. Como seu orientador, intervi o mínimo possível, apenas quando indispensável para a melhor compreensão do

---

1 Bolsista FAPEAM - Edital Humanitas.

2 *Ihru* me foi traduzido como menino ou crianças. A seguir, definições de dicionário: 1 - *Yhiry* = filho (Emiri, 1987, p. 34); 2 - *Ihuru* = termo de parentesco; filho (Lizot, 2004, p. 125). Porém, o uso para *ihiru* na região do rio Marauíá engloba também crianças (menino). Para criança menina: *suwêhêru*.

3 Conhecido na literatura e no senso comum como "maloca". Mas estamos diante de uma categoria específica de habitação coletiva, singular dos povos yanomami. Um traço arquitetônico que também marca sua organização social e epistemológica.

4 Localizada no final do "segundo afluente", subindo o rio Marauíá. Segundo Edinho, *Pohoroá* significa "lugar que dá muito cacau".

texto por pessoas não iniciadas na cosmopercepção<sup>5</sup> e no letramento yanomami. Ou seja, para aqueles que não são fluentes na linguagem cosmológica dos povos indígenas e não conseguem produzir ciência a partir de suas matrizes epistemológicas.

As notas de rodapé buscam informar ao leitor sobre dados e categorias indispensáveis para a compreensão inicial de uma epistemologia yanomami. Portanto, o desenvolvimento do texto segue os pensamentos de Edinho, professor de seu *xapono*. O pensamento yanomami, traduzido aqui para o português, acaba por distorcer a forma básica dessa epistemologia, em parte devido às limitações da língua portuguesa e seu ranço colonial. Edinho documenta e produz dados para a ciência e para a bibliografia especializada sobre o povo yanomami do rio Marauíá, sendo um dos três primeiros mestres yanomami da região.

O que Edinho chama de “ciência yanomami” é o conjunto de conhecimentos e metodologias que permite aos Yanomami viverem há milhares de anos em seu território. A ciência ocidental não garante, no contexto das comunidades yanomami, conforto e acesso a recursos primários. Conforme afirma Edinho: “É a ‘ciência yanomami’<sup>6</sup> que garante isso”. Caça, pesca, coleta e manejo da floresta, por exemplo, baseiam-se em conjuntos de conhecimento com mais relevância na vida cotidiana desses povos do que a ciência “ocidental”. Ao conjunto desses conhecimentos, ele denomina “ciência yanomami”. Eu concordo plenamente.

Para ilustrar a forma como Edinho me pacifica – em referência à obra organizada por Bruce Albert e Alcida Rita Ramos (2002) – ou melhor, como ele e seus colegas yanomami “meyanomamizam”, darei um exemplo introdutório sobre esses conhecimentos. Descrevo, a seguir, brevemente, como essas questões epistemológicas apareceram em nossa convivência durante as atividades da disciplina Formação do Pensamento Social da Amazônia<sup>7</sup>, realizadas no primeiro semestre de 2023 em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

5 Conforme Oyěwùmí (2005), utilizamos aqui o conceito africano de “cosmopercepção”, pois o conhecimento do *hekura*, por exemplo, baseia-se em um campo além da visão.

6 Não cabe problematizar a terminologia «ciência» aqui. Edinho age de maneira simétrica aos cientistas, apropriando-se de sua principal arma, que garante sua autonomia epistemológica: a nomeação, a classificação. Essa prática parece confluir com a metodologia de contracolônização de Antônio Bispo dos Santos (2023), um dos tópicos de nossas aulas durante o mestrado.

7 Disciplina obrigatória do curso de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM. Propõe-se a revisar a bibliografia produzida sobre a Amazônia, desde as primeiras invasões até as mais atuais produções acadêmicas sobre o tema. Ela foi ministrada para os alunos yanomami em duas etapas. A primeira parte foi na cidade de São Gabriel em conjunto com a Professora Iraíldes Caldas Torres; a segunda etapa foi no Xapono Balaio, em conjunto com o Professor Caio Souto. Essas experiências renderam diversos produtos como documentários, projetos, artigos e outros.

A disciplina encerrou com uma atividade prática de trabalho de campo. A turma preparou-se para um pernoite em um sítio em São Gabriel. É uma prática comum entre os gabrielenses ir para um sítio nos finais de semana. Parte desses sítios localiza-se em áreas indígenas ou nas estradas e rios que levam a elas. Atividades como roda de conversa, esporte e música seriam os eixos da socialização do conhecimento nesse encerramento da disciplina intensiva.

Para resumir os acontecimentos, relato um dos fatos ocorridos neste pernoite. Quando os homens foram armar suas redes no local indicado pelos organizadores, por volta das 19h, os alunos yanomami já estavam com banho tomado e me procuraram para armarmos nossas redes juntos, pois “aquele momento seria o mais adequado para orientações”, argumentavam os três discentes Yanomami da turma, Edinho, Odorico e Modesto. Isso já indica uma premissa do método yanomami: a noite é também adequada para conversas e trocas de conhecimentos dessa natureza.

Escolhemos os lugares, mas eu não conseguia armar a rede. Todos os yanomami gargalharam quando pedi ajuda. Edinho (2023, trabalho de campo, São Gabriel da Cachoeira-AM) disse de maneira didática: “Esses conhecimentos da ciência dos *napë*<sup>8</sup> não servem para muita coisa, né professor? Nenhum doutor de vocês sabe armar rede. A gente sabe, professor, como ficar meeeeeeses na floresta. Não é todo mundo que sabe não. Tem que ter muita ciência”.

Para finalizar essa ilustração inicial, outra situação que se repetiu diversas vezes, nessa prática de “yanomamização” a que me refiro, foi uma espécie de “telefone sem fio” de tradução yanomami-português que se estabeleceu entre mim, Edinho, Odorico e Modesto. Em determinado momento do exercício de campo, Odorico resolveu apenas falar yanomami comigo. Então, ele dizia que, se eu quisesse saber o que ele estava dizendo, que fosse perguntar a Edinho ou Modesto. Metodologias que funcionaram: aprendi diversas palavras que utilizo até hoje em nossos diálogos cotidianos por WhatsApp.

O artigo está estruturado da seguinte maneira. Na primeira parte, Edinho relata resumidamente sua trajetória de formação acadêmica, destacando sua “desconstrução como *ihiru* na escola dos *napë*”. Na segunda parte, o pesquisador busca descrever brevemente sua metodologia para aprendizado das primeiras palavras para os *ihiru* yanomami. A terceira parte é uma reflexão final mais aprofundada sobre a “ciência yanomami”.

8 “*Napë* = (1) não yanomami, estrangeiro, branco. (2) Inimigo” (Emiri, 1987, p. 48). Portanto, expressões como “ciência *napë*” se refere à ciência “ocidental”.

Atento às aulas das disciplinas Formação do Pensamento Social na Amazônia e Epistemologia das Ciências Humanas e Sociais, na terceira parte do artigo, Edinho instrumentaliza a tese de Lévi-Strauss (1990), desenvolvida em *O Pensamento Selvagem*, na qual se estabelece um correlato e uma continuidade entre o pensamento “mágico” (e suas metodologias) e a ciência. Edinho não faz citação direta ou indireta sobre a obra desse antropólogo europeu; parece trabalhar com o óbvio no contexto do seu povo, que seus conhecimentos têm o mesmo valor que a ciência. Sem se preocupar com a virada ontológica, ele trata a ciência *napë* e a yanomami como conjuntos simétricos de conhecimentos, distintos, mas ambos “ciência”.

Sustentando tudo isso, o pano de fundo da pesquisa de Edinho – e que talvez só seja viável desenvolver em um possível doutorado – apoia a ideia de que a língua yanomami é a base epistemológica para acessar conhecimentos fundamentais para a vida na floresta, e a escola pode ser uma ameaça a eles<sup>9</sup>. A educação formal bilíngue, proposta pelo estado do Amazonas em terras indígenas, representa um perigo se não for bem planejada e executada.

Portanto, nossa discussão aqui tem por foco responder à seguinte questão: como a escola bilíngue-intercultural, enquanto instituição de matriz epistêmica *napë* (não indígena), pode ameaçar a transmissão da ciência Yanomami — um conhecimento baseado na língua *Waika Karina* e mediado pela relação xamânica com os *hekura* — e de que forma metodologias pedagógicas inspiradas nos especialistas yanomami, como por exemplo a cantoria do *hekura* e conhecimento sobre as plantas, podem atuar como estratégias para continuidade da ciência yanomami dentro da escola?

### Os Yanomami de Pohoroá

Os Yanomami são um povo indígena diversificado que habita a região do Marauíá, compartilhando uma forte ligação com a natureza<sup>10</sup>. Suas crenças são profundamente respeitadas, envolvendo a interação com seres da floresta. Sempre acompanhados

9 Esse argumento é hegemônico entre os professores yanomami do rio Marauíá, conforme é possível conferir na dissertação de mestrado de Tamara Miranda (2020). Também é possível encontrar na dissertação de Paulo Sousa (2010).

10 Edinho aqui foca em seu território, algumas vezes pode parecer que ele se refere ao rio Marauíá como centro do povo Yanomami. Mas há três grandes áreas que são habitadas pelos Yanomami: Maturacá-Maiá, no município de São Gabriel da Cachoeira, Rio Marauíá, no município de Santa Isabel do Rio Negro e, por fim, no município de Caracarai em Roraima. Todas as áreas ficam próximas à fronteira entre Brasil e Venezuela. Indicativo de que o movimento espacial dos povos yanomami tem por premissa distância dos estados nacionais. Informações básicas sobre o povo Yanomami podem ser acessadas aqui: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>.

dos *hekura pẽ*<sup>11</sup>, os pajés realizam rituais, conhecidos na literatura como *yakoana* ou *hekuramou*<sup>12</sup>. Esses rituais visam comunicar-se com esses seres *hekura* e acessar seus conhecimentos, promovendo a saúde da comunidade.

Suas práticas rituais refletem uma cosmovisão que valoriza a harmonia<sup>13</sup> com o ambiente natural. A língua yanomami é fundamental para as crianças dessa comunidade indígena, pois é um elemento central de sua cultura e epistemologia. Além disso, é essencial para transmitir tradições, conhecimentos e valores específicos da comunidade, promovendo a preservação<sup>14</sup> de sua rica herança cultural. O uso da língua na educação contribui para uma conexão mais profunda com a história e os modos de vida tradicionais, fortalecendo a sociedade e a autoestima das crianças yanomami. Chamamos a língua yanomami falada no *xapono Pohoroá* de *Waika Karina*.

Em síntese, este trabalho foi realizado no *xapono Pohoroá*, entre 2023 e 2024. Com população de 209 indivíduos, uma média de 50 famílias vivem nesse *xapono*, onde as crianças passam a dificuldade para aprender a língua yanomami. Tenho a honra e a necessidade de contar sobre a fala dos *ihiru* yanomami. Para realizar esse trabalho observei os falantes na iniciação da fala.

Desse modo, o nosso trabalho de pesquisa tem como *lócus* o *Xapono Pohoroá*, comunidade Yanomami localizada no rio Marauíá, município de Santa Isabel do Rio Negro, Amazonas, próximo à fronteira com a Venezuela. O estudo foi desenvolvido ao longo do período de 2023 a 2024, no decorrer do meu curso de mestrado. Os dados aqui reproduzidos são resultado de uma colaboração reflexiva que ocorreu durante atividades pedagógicas na Escola Estadual Indígena Sagrada Família do *xapono Pohoroá*. Quanto aos procedimentos metodológicos, adotamos uma abordagem qualitativa a partir de uma

11 Traduzido pelo senso comum como “espíritos da floresta”. São descritos academicamente como criaturas de 15 cm e altamente coloridas, conforme Gonçalves e Tremembé (2023). *Hekura pẽ* está no plural, “espíritos”. *Hekura* é uma categoria fundamental para o entendimento do xamanismo do povo Yanomami que vive no rio Marauíá. Essa categoria é muito conhecida na literatura como *Xapiri*, por meio do best seller *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2019). Mesmo compartilhando a língua e a autodenominação de Yanomami, há mais de três grupos de yanomami principais, supracitados, que possuem língua, pronúncia, categorias epistemológicas, rituais e costumes diferenciados e que devem ser entendidos em suas especificidades. Para uma discussão atual sobre a língua yanomami é indispensável a obra *As línguas Yanomami no Brasil: diversidade e vitalidade* (Ferreira *et al.*, 2019).

12 *Hekuramou* é o ato de praticar *hekura*. É a verbalização do *hekura*-espírito. É o ritual do xamanismo diário yanomami.

13 Essa ideia de “harmonia com o ambiente natural” não deveria ser romantizada, esses conhecimentos são para garantir conforto diante das demandas de uma vida na floresta. Edinho parece, aqui, reproduzir ideias ocidentais hegemônicas sobre povos indígenas.

14 Estamos dialogando sobre o uso desse termo. Edinho busca garantir a continuidade das tradições de seu povo. Portanto, pode-se substituir “preservação” por “continuidade”. Há uma queixa geral entre os professores, que a língua está mudando. Mas é unânime que a língua não está acabando.

etnografia reflexiva nos moldes dos estudos do NEAI e Maracá<sup>15</sup>, na qual o pesquisador yanomami, sendo professor da comunidade, atua como agente e observador do processo. Conforme explica Gilton Mendes dos Santos na nota introdutória dos livros da coleção Reflexividades Indígenas (*apud.* Azevedo, 2018, p. 06): “[...] refere-se ao esforço dos estudantes indígenas de, a partir da Antropologia, extrair e identificar conceitos e categorias nativas que melhor exprimem suas noções, discursivas e práticas, sobre a natureza e a ordem das coisas e das relações entre humanos e não humanos”.

A geração de dados deu-se por meio de: (1) vivência do cotidiano escolar no contexto do *xapono Pohoroá*; (2) aplicação de uma intervenção pedagógica de metodologia bilíngue baseada em uma música de autoria do pesquisador yanomami; (3) narrativa autobiográfica da trajetória de formação do pesquisador como ponto de partida para as reflexões teóricas; e (4) análise reflexiva que dialoga com os princípios da ciência yanomami, estabelecendo uma simetria entre a metodologia de ensino e as práticas epistemológicas xamânicas (*hekuramou*).

### Trajetória: de *ihiru* a adulto

Atualmente, os Yanomami estão querendo avançar na educação formal. Quando eu vivia minha infância, meus pais não sabiam dialogar com a educação do *napë*. Onde viviam, não havia falante da língua do homem “branco”. Pensavam que eu era o “pensamento do futuro de aprendizagens”. Meu estudo seria o desenvolvimento do mundo do pensamento dos espíritos da natureza científica da minha realidade, da minha língua yanomami<sup>16</sup>.

Quando entrei na escola, aos 10 anos, em 1995, comecei como aluno da irmã professora Teresinha Bueno, da 1ª à 4ª série. Com essa professora corajosa, que ensinava os filhos yanomami aplicando seu conhecimento e metodologia de ensino baseada em sua educação formal, cristã. Naquele tempo, não havia ensino sobre a língua yanomami na escola. Sempre, nós, alunos yanomami, recebíamos apenas “educação formal”. Passei muitas dificuldades, pois não tinha conhecimento para falar português e sempre ficava com muito medo. Quando a professora Teresinha pedia a leitura nos livros, minha cabeça

15 NEAI (Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena) e Maracá, ambos grupos de estudos de Antropologia da UFAM. A metodologia que chamamos de reflexiva se inspira nos trabalhos de diversos intelectuais indígenas do Amazonas, por exemplo os aqui citados Dagoberto Azevedo (2018) e Gabriel Sodré Maia (2018).

16 Edinho aqui se refere aos conhecimentos e cosmovisão do seu povo. Nas nossas aulas e orientações, foi instruída uma visão simétrica entre a ciência e os conhecimentos dos *hekura kēpē*. Como dito na introdução, um dos fundamentos para esse argumento é a obra *O Pensamento Selvagem* de Lévi-Strauss (1990). A leitura que faço da expressão “pensamento do futuro de aprendizagens” vai no sentido de entender Edinho e sua geração como vetores de uma mediação mais instruída com as instituições formais.

baixava. Os outros colegas já sabiam ler, mas eu não conseguia de primeira. Ela mandava fazer trabalhos e tarefas; eu quase não respondia aos exercícios, e meu caderno sempre ficava em branco.

Depois de 1997, consegui avançar um pouco na leitura e escrevia cada vez mais. Assim, fui obtendo informações sobre os conhecimentos da educação do outro, onde o *napë* aprende de maneira formal, acadêmica<sup>17</sup>. Em meu estudo, proponho que não há comparação entre a língua-epistemologia yanomami e a educação formal. Mas essa foi minha trajetória: fui levado à desconstrução de mudar minha vida de jovem yanomami, *ihiru*, para a nova visão do mundo *napë* – “ocidental”, da sociedade brasileira.

Quando os professores não indígenas não permitiam falar nossa língua yanomami na escola, tínhamos que usar apenas o português em sala de aula. Naquele tempo (por volta de 1997), ninguém sabia as consequências de desaprender a língua yanomami e o que traria de coisas ruins depois, na vida dos coletivos yanomami do rio Marauíá. Mesmo assim, ela sempre falava que, quando eu crescesse, ajudaria minha realidade. Ao mesmo tempo, em nossa Escola Estadual Indígena Sagrada Família, no *xapono Pohoroá*, eu fiquei aprendendo o mundo do homem “branco” de ensino, da qualidade de vida, da academia.

A partir dessas experiências, reflito sobre a língua materna no *xapono* que habito desde criança, dos yanomami de *Pohoroá*. Qual a importância da fala do *ihiru*? Como é a aprendizagem no mundo do *ihiru*? Como produzir materiais sobre a língua yanomami? Estou preocupado em saber como o *ihiru* aprende o mundo hoje. Essa preocupação vinha desde a graduação, quando comecei a observar melhor a fala do *ihiru* no cotidiano yanomami. Inicialmente, conclui que as bases para essa fala inicial eram: cultura, observação e imitação.

Busco, com base em uma trajetória de enfrentar as necessidades, ampliar a perspectiva dos pensamentos e tradições do meu povo, enriquecer a cultura yanomami. Para isso, preciso entender como era antes do mundo presente. Os povos yanomami ensinam, na educação indígena que aprendemos com nossos pais, que recebemos educação em casa e fora dela, nas práticas cotidianas e na oralidade. Tudo que o povo faz, as crianças sabem fazer. Isso é a aprendizagem dos *ihiru*.

O povo indígena yanomami pratica a educação por meio da transmissão oral de conhecimentos e tradições, de geração em geração. Eles têm um sistema educacional baseado na observação e na participação ativa das crianças nas atividades cotidianas da comunidade. Por meio da observação e da prática, junto aos membros mais velhos,

---

17 Penso que Edinho está buscando tecer uma crítica à metodologia educacional da escola formal e tem clareza da sua “desconstrução” como *ihiru* yanomami.

as crianças aprendem habilidades práticas culturais na língua yanomami: como falar o dialeto *waika karina*, caçar, pescar, coletar alimentos e confeccionar objetos.

Além disso, os yanomami têm seus próprios rituais e cerimônias xamânicas, que desempenham papel central na transmissão de conhecimentos espirituais e de cura. Os jovens *ihiru* são iniciados nesses rituais ao longo de seu desenvolvimento, aprendendo a interpretar sonhos, comunicar-se com espíritos e usar plantas medicinais.

Além dessa experiência, para aprender sobre a língua do povo Yanomami de *Pohoroá*, também se pode explorar fontes acadêmicas, livros, artigos e documentários que abordam nossa cultura, história e pesquisas realizadas com ajuda de nossas comunidades<sup>18</sup>. Recursos de antropologia, etnografia e estudos indígenas podem oferecer dados valiosos. Essa língua é vital para a transmissão da cultura e tradições yanomami.

Abrangendo partes do Brasil e da Venezuela, o fluxo de línguas yanomami, como o *waika karina*, é resultado da interação entre vários *xapono* ao longo de muitas gerações, moldada por fatores culturais, geográficos e históricos. A língua yanomami desenvolveu-se organicamente dentro da aldeia, adaptando-se às necessidades e experiências específicas desse grupo étnico ao longo do tempo. Uma das maiores necessidades hoje em dia é estabelecer relações com as instituições do *napë* a partir das demandas de nossa comunidade, e não ao contrário.

Nesse processo, no entanto, enfrentamos desafios significativos, como desmatamento e doenças introduzidas pelo *napë*. Esse fenômeno da relação do contato com o mundo exterior representa algo significativo para a preservação de nossa cultura. Programas de apoio à autonomia indígena e à proteção de suas terras são essenciais para a continuidade das tradições yanomami. Por exemplo, entre outras coisas, o contato afeta nossa moradia, a construção de malocas grandes chamadas *xapono*, estruturas circulares feitas com materiais naturais da região, como madeira e palha: isso é feito por meio do pensamento do conhecimento tradicional yanomami<sup>19</sup>.

### A primeira vez dos *ihiru* na escola

A metodologia utilizada entre as famílias yanomami é sempre acompanhar o *ihiru*. As primeiras palavras são ensinadas principalmente em casa, pela oralidade. A experiência também permite que os *ihiru* vivenciem diferentes situações, enfrentem desafios,

18 Como fonte para esses dados, Edinho recomenda o trabalho de mestrado de Tamara Miranda (2020) e de Paulo Roberto Sousa (2010), atual gestor da Escola Estadual Indígena Sagrada Família.

19 Edinho parece afirmar que o *xapono* é a manifestação arquitetônica da própria epistemologia yanomami e a língua yanomami tem papel fundamental para produção dos conhecimentos necessários para sua construção.

tomem decisões e aprendam com os resultados de suas escolhas. Isso contribui para o crescimento pessoal, a construção de confiança e a capacidade de lidar com situações do mundo yanomami.

Quando uma criança yanomami vai à escola pela primeira vez, é uma experiência nova e emocionante para ela. A escola é um ambiente diferente do que está acostumada. Com novas pessoas, rotinas e atividades, a criança já entra com a experiência do conhecimento tradicional aprendido em sua comunidade, em sua casa.

Antes de entrar na escola, a criança já sabe muito sobre o conhecimento que recebeu com sua família. A criança yanomami, na primeira vez na escola, aprende coisas “modernas” que não conhece. A escola desenvolve um conhecimento formal com a educação do mundo “moderno”. Hoje, buscamos levar uma nova visão para desenvolver a língua yanomami em uma escola que se esforça para valorizar sua cultura e sua língua *waika karina*.

Nesse contexto, é importante que a escola e os educadores estejam preparados para receber as crianças yanomami de forma acolhedora e respeitosa, considerando suas diversas formas de cultura, língua e experiências prévias no mundo dos *ihiru*. Aqui estão algumas considerações que sintetizam os acordos dos professores yanomami que definem sugestões básicas para o projeto pedagógico da nossa escola<sup>20</sup>:

1. O *ihiru* sempre leva sua experiência de vida para a escola, formado pela oralidade; ele possui muita experiência de conhecimento que está no nível das crianças da educação básica;
2. Conhecem bem os nomes dos animais, frutas, peixes e plantas; a criança leva isso para a escola desde o primeiro dia. Vai aprendendo cada vez mais depois.
3. É fundamental que os educadores tenham algum conhecimento básico da língua yanomami ou acesso a um intérprete para facilitar a comunicação inicial com as crianças. Essa forma tem o objetivo de sugerir como os educadores podem se preparar a partir do conhecimento que os *ihiru* já possuem, facilitando a ampliação de seu pensamento;
4. É recomendado que a criança yanomami tenha um período de adaptação gradual à escola, permitindo que se familiarize com o ambiente, as pessoas e as rotinas aos poucos. Isso pode ajudar a reduzir a ansiedade e promover uma transição mais suave.

---

20 Edinho parece sintetizar aqui diálogos coletivos entre professores e gestores da Escola Estadual Indígena Sagrada Família.

5. É fundamental que a escola valorize e respeite a cultura da realidade yanomami, reconhecendo e incorporando elementos culturais em seus desafios de práticas educacionais. Isso pode incluir a incorporação de histórias, rituais, músicas, danças e outros aspectos da cultura yanomami no currículo e nas atividades escolares.
6. Incentivar a interação entre as crianças yanomami e os outros alunos da escola pode promover a inclusão e a construção de relacionamentos positivos. Isso pode ser feito por meio de atividades em grupo, jogos cooperativos e projetos colaborativos.
7. É essencial que a escola promova um ambiente inclusivo e respeitoso, onde as diferenças culturais e linguísticas sejam valorizadas. Os educadores devem estar abertos a aprender com as crianças yanomami e a adaptar suas práticas pedagógicas para atender às suas necessidades específicas.

Em resumo, a primeira vez que uma criança yanomami vai à escola é um momento importante de transição<sup>21</sup>. A escola deve estar preparada para recebê-las de forma acolhedora, respeitando sua cultura e língua, e promovendo uma educação inclusiva. O *ihiru* yanomami leva um tempo para aprender as primeiras palavras na língua da escola (português). Quando o professor passa as atividades, o aluno não quer responder às tarefas porque ainda não tem conhecimento para escrever, ler e interpretar. Essa forma é um pouco difícil para eles no início, então vão aprendendo devagar. Falta compreender fluentemente a língua dos *napë*, mas mesmo assim vão continuando enfrentando a dificuldade.

### **Metodologia utilizada na escola com os *ihiru***

No *xapono Pohoroá*, a escola possui 79 crianças matriculadas. Quando me tornei professor, fiz uma música em yanomami para trabalhar com as crianças que não dominavam a leitura e a escrita na língua materna. A metodologia que utilizo está baseada em jogos, brincadeiras, músicas e atividades divertidas para engajar as crianças no processo de aprendizagem. Os jogos podem ser projetados para reforçar conceitos, regras, desenvolver habilidades específicas ou promover a resolução de problemas. A aprendizagem lúdica, como no caso da música a seguir, estimula a motivação intrínseca das crianças, tornando o processo mais envolvente e colaborativo, ao invés de impositivo. É importante adaptar a metodologia às características e necessidades das crianças, considerando fatores como idade, interesses, habilidades e contexto. Além disso, é fundamental que a metodologia

---

21 Edinho parece ter bem claro que a escola é um lugar de desconstrução do mundo yanomami. Representa uma interface com um outro mundo, o mundo dos *napë*.

seja flexível e permita a participação ativa das crianças no processo de aprendizagem. A seguir, descrevo um exemplo da minha metodologia com cantoria<sup>22</sup>.

Trabalho com alunos do 1º ao 5º ano do ensino básico, crianças a partir de 6 anos. Com essa metodologia musical, sempre recebia e acolhia os estudantes. Depois que todos chegavam à sala de aula, iniciava uma música que os *ihiru* gostavam muito de cantar. Primeiro, cantávamos em nossa língua para que o *ihiru* tivesse o direito de aprender primeiramente a dominar e falar o yanomami e, depois, fazia a tradução para o português. Como sempre anima os alunos, a música desperta o interesse para que os *ihiru* conheçam e dominem a escrita e a leitura. Assim foi o pensamento de uma criatividade para fortalecer, perante os alunos, e aprofundar a experiência de conhecimento na vida dos alunos da Escola Estadual Indígena Sagrada Família - *Puriwa*<sup>23</sup>.

**Música: Yanomami kuaai (Índio engraçado)<sup>24</sup>**

**Autor: Edinho Yarimina Xamatari**

| Língua <i>waika karina</i>         | Língua portuguesa                      |
|------------------------------------|----------------------------------------|
| Yanomami kuaai moheki oni oni,     | O índio engraçado da cara pintada      |
| Kahē wa waiteri kirii tē kuami,    | você é valente não tem medo de nada    |
| {Tom, tom, tom}.                   | {Tom, tom, tom}.                       |
| Aē, aē, aē                         | Aē, aē, aē                             |
| Wa pēria urihi ha yaro pē miamoha, | Você mora no mato, no meio de animais, |
| Hii hipē mau pē ai tē xoa          | árvore e os rios e outras coisas mais  |

## Pensamento Yanomami na ciência

Os yanomami têm uma visão única e particular em relação à ciência. Sua cosmovisão baseia-se em uma compreensão profunda e interconectada do mundo natural e espiritual<sup>25</sup>. Dentre os aspectos dos pensamentos yanomami em ciência, destacam-se: uma forte conexão com a natureza e a crença de que todos os seres vivos e elementos do ambiente

22 Em confluência com pesquisas clássicas da antropologia da música, Edinho entende a cantoria como uma metodologia de transmissão de conhecimento e valores para se tornar uma pessoa. Esse mesmo dado aparece por exemplo na tese de Deise Lucy Montardo (2002) sobre o povo Guarani do sul do Brasil: “Essa educação, entretanto, [...] acontece diariamente nos rituais. Quando consideramos que os Guarani realizam os rituais musicais diariamente, no caso dos Mbyá, e várias vezes por semana, nos outros grupos, é evidente que a música desempenha um papel fundamental na formação da pessoa guarani”.

23 É um objeto ritual específico usado pelos *hekura*.

24 Edinho traduz “yanomami” por “índio”.

25 Reproduzida por Edinho, essa dicotomia natural-espiritual é a forma de tradução estabelecida pelo pensamento hegemônico teológico cristão difundido pela educação formal.

estão interligados. A natureza para nós é um sistema complexo e interdependente, onde cada elemento desempenha um papel importante. O conhecimento yanomami inclui um vasto repertório sobre o ambiente natural, incluindo plantas medicinais, técnicas de caça e pesca e padrões climáticos.

Esse conhecimento é transmitido oralmente, de geração em geração, e pode ser considerado uma forma de ciência yanomami. A espiritualidade e o xamanismo desempenham papel central no cotidiano yanomami. Acreditam que os espíritos, ou melhor, os *hekura*, estão presentes em todos os aspectos da natureza e que os xamãs têm a capacidade de comunicar-se com eles.

Os xamãs desempenham papel importante na cura, na previsão do clima e em outras práticas que podem ser relacionadas às ciências dos *napë*. São observadores atentos do ambiente natural e social ao seu redor. Os *hekurapë*, pajés yanomami, aprendem sobre o mundo por meio do pensamento, da observação cuidadosa e da experimentação prática. Com isso, o *hekura* conhece todos os lugares da paisagem, como, por exemplo: montanhas, rios, cachoeiras, serras e o céu. Os Yanomami buscam os espíritos em seu pensamento<sup>26</sup>, onde e em qual lugar-ambiente o *hekura* habita. Em uma conversa, os pajés convidam o *hekura*, de preferência aquele que é considerado o melhor curador de gente. Os “espíritos” chegam neles, então podem fazer a cura da pessoa doente. Assim funciona a ciência yanomami. Esta é a relação dos pajés sobre a importância que os yanomami atribuem aos *hekura*<sup>27</sup>, por meio de práticas xamânicas e rituais específicos.

Quem não é pajé não consegue ver o *hekura*. Essas práticas envolvem o uso de substâncias sagradas, como *ëpena*, *yakoa*, *pararo* e *maxahara*, combinadas com cantos, danças e outros elementos rituais. Durante esses rituais, os pajés entram em transe ou estados alterados de consciência, permitindo que se conectem com os *hekura*. Eles afirmam que, nesses estados, são capazes de comunicar-se com os espíritos e receber orientação<sup>28</sup>, cura e proteção para si mesmos e para a comunidade. Os pajés podem receber diferentes tipos de espíritos durante essas práticas, incluindo espíritos de animais, ancestrais e da natureza. Cada tipo pode trazer conhecimentos específicos, habilidades de cura e orientações para os pajés.

26 O pensamento (*puhi*), portanto, é o meio de acessar os *hekura*, que conhecem todos os ambientes e relações entre os elementos da natureza.

27 A descrição que Edinho faz do processo de produção de conhecimento entre o xamã yanomami e os “espíritos” conflui ao que os intelectuais indígenas *yepamahsã* afirmam em dissertações como a de Dagoberto Azevedo (2018) e Gabriel Sodré Maia (2018). O conhecimento para manejar a floresta amazônica é produzido em uma conversa entre os especialistas indígenas e pessoas invisíveis que habitam os lugares.

28 Os *hekura*-espíritos orientam, assim como um doutor orienta um mestre, os *hekura*-pajés. Os *hekura*-pajés orientam os pajés novatos para ganhar autonomia no contato com os *hekura*-espíritos.

É importante ressaltar que essas práticas são sagradas e fazem parte da cultura yanomami. Os pajés são considerados líderes espirituais, curandeiros e conhecedores. Sua função é respeitada e valorizada pela comunidade *Pohoroá*. A comunicação com os *hekurapë* é vista como uma forma de obter sabedoria e orientação para o bem-estar do *xapono Pohoroá*. Essa temática também precisa ser inserida na sala de aula.



**Figura 1.** Edinho Yanomami Xamatari e Professor Agenor. Orientação realizada na escola Santa Isabel, no município de Santa Isabel do Rio Negro, antes de irmos para o xapono Balaio. Acervo pessoal.

### Considerações finais

A música citada acima era cantada pelos alunos em yanomami (*waika karinã*) e também em português. Essa metodologia envolve a realização de projetos ou atividades pedagógicas e está em convergência com as cantorias dos pajés-*hekura*. Sempre realizei essa prática em sala de aula e fora dela, permitindo às crianças explorar e aplicar o conhecimento de forma significativa; isso é o pensamento-prática yanomami.

Isso permite que, incentivando a investigação, a colaboração e a criatividade com a metodologia bilíngue, os *ihiru* recebam formação adequada, promovendo a compreensão

da cultura associada a cada língua. Assim, as crianças de *Pohoroá* podem incorporar elementos culturais, como literatura, música, tradições e costumes, nas atividades e materiais de ensino. Além disso, é necessário repassar às crianças os conhecimentos básicos sobre a ciência yanomami do *hekura*.

Isso ajuda os alunos a desenvolverem uma apreciação e respeito pelas diferenças mais importantes da cultura, representadas pelas línguas yanomami, ensinadas para as crianças na aldeia, na escola e fora da sala de aula. Assim, pode-se explicar, por meio da cantoria, nesta metodologia de ensino yanomami do *hekura*, um pouco da língua materna *waika karina* para nossas crianças.

Foi assim que mais se cativou os *ihiru* yanomami na escola. Para que vamos nos esquecer do nosso conhecimento científico da realidade da alma da natureza<sup>29</sup>? A todo tempo, a criança recebe educação, na floresta ou no *xapono*. A aprendizagem dos *ihiru* e *suwëhëru*, a cada dia, procura, o intelectual, aprimorar o entendimento para conscientizar sobre nosso momento atual, traçando estratégias para nossa continuidade.

Isso está passando para a nova geração. Os *ihiru* e *suwëhëru* não deveriam esquecer - e não esqueceram - a educação yanomami que os pais passam antes de irem à escola: são também conhecimento científico yanomami e possuem sua metodologia de ensino. Por meio da experiência, as pessoas têm a oportunidade de aplicar o conhecimento teórico na prática, adquirir habilidades, desenvolver competências e obter uma compreensão mais profunda de determinado assunto. No contexto da educação yanomami, a experiência é fundamental para o processo de aprendizagem<sup>30</sup>.

## Uso de Inteligência Artificial

Foi utilizada a ferramenta Deep Seek exclusivamente para a formatação das referências bibliográficas.

## Referências

Albert, Bruce & Ramos, Alcida Rita (orgs.) (2002). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico*. São Paulo: Editora UNESP.

29 Penso que com essa expressão, Edinho questiona o modelo antigo de educação epistemicida.

30 Esse aspecto da metodologia dos *hekura*-pajés deve ser ressaltado, visto que não se trata apenas de um conhecimento intuitivo. Também faz parte desse arcabouço de conhecimento, muita prática e experimentação na floresta em uma continuidade geracional a perder de vista. Para perceber isso, no relato impressionante de Helena Valero (Biocca, 1970, p. 67-70), em que se prepara o curare em duas etapas, fazendo testes “biológicos”, “químicos” e “físicos” para melhorar sua eficácia. Pode-se supor que essa fórmula é aperfeiçoada há muitos anos.

Azevedo, Dagoberto Lima (2018). *Agenciamento do mundo pelos Kumuã Ye'pamahsã - o conjunto dos bahsese na organização do espaço Di'ta/Nūhūk (terra/Floresta)*. Manaus: EDUA.

Biocca, Ettore (1970). *Yanoáma: the narrative of a white girl kidnapped by amazonian indians*. New York: Dutton.

Emiri, Loretta (1987). *Dicionário yãomanè, português: (dialeto wakathautheri)*. Boa Vista: Comissão Pro-Índio de Roraima.

Ferreira, Helder Perri; Machado, Ana Maria & Senra, Estêvão Benfica (orgs.) (2019). *As línguas Yanomami no Brasil: diversidade e vitalidade*. São Paulo: Instituto Socioambiental; Boa Vista: Hutukara Associação Yanomami.

Gonçalves, Luiz Davi Vieira & Tremembé, Mboe'esara Esãã (2023). Os cantos da reahu: uma reflexão antropológica sobre os cantos Yanomami do rio Marauíá e rio Maturacá. *Revista de Antropologia – Imagem e Som*, 8(1). <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2023.199376>.

Kopenawa, Davi & Albert, Bruce (2019). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lévi-Strauss, Claude (1990). *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus Editora.

Lizot, Jacques (2004). *Diccionario enciclopédico de la lengua yãnomãmi*. Puerto Ayacucho: Vicariato Apostólico.

Maia, Gabriel Sodré (2018). *Bahsamori: o tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yepamahsã (Tukano)*. Manaus: EDUA.

Miranda, Tamara Aparecida (2020). *Os Yanomami do Rio Marauíá: trajetória e contato*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Montardo, Deise Lucy Oliveira (2002). *Através do Mbaraka: música e xamanismo guarani*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Oyěwùmí, Oyewumi (2005). Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. *African Gender Studies A Reader*. Londres: Palgrave Macmillan. [https://doi.org/10.1007/978-1-137-09009-6\\_1](https://doi.org/10.1007/978-1-137-09009-6_1).

Santos, Antônio Bispo dos (2023). *Aquilombar o Antropoceno, Contra-colonizar a Ecologia fórum do livro Uma Ecologia Decolonial*. São Paulo: FFLCH-USP. <https://www.fflch.usp.br/47115>.

Sousa, Paulo Roberto de (2010). *Mito e Ethos entre os Yanomami de Xitipapiwei*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

Recebido em 10 de abril de 2024.

Aceito em 19 de novembro de 2025.

A aprendizagem da língua *waika karina* do *xapono* Pohoroá: caminhos para uma ciência Yanomami**Resumo**

Este artigo inicia-se com a trajetória de Edinho Xamatari, do povo Yanomami do Rio Marauíá, Amazonas, Brasil. A partir de sua experiência como docente, ele apresenta uma metodologia para o ensino da língua yanomami nos anos iniciais da educação básica. Por meio de uma música por ele composta, pratica-se a educação bilíngue yanomami-português. Baseados nessa cena inicial, os autores refletem sobre a ciência do *napë* e a do *hekura*, afirmando haver uma relação entre as práticas científicas e as xamânicas Yanomami. A música e o canto, elementos rituais dos *hekura-pajés*, estabelecem uma continuidade entre as composições do professor Edinho, sua metodologia e a produção de conhecimento dos *hekura-pajés*.

**Palavras-chave:** *Ihiru* (Criança/Menino); *Puhi Taamatima* (Escola); *Hekura* (Espírito e/ou Pajé); Educação Yanomami; Pedagogia.

The learning of the *waika karina* language of *xapono* Pohoroá: pathways to a Yanomami science

**Abstract**

The opening section of this article delves into the journey of Edinho Xamatari, from the Yanomami community of Rio Marauíá in the Amazonas region of Brazil. Drawing from his background as an educator, he offers insights into a methodology for teaching the Yanomami language to students in the early years of primary education. Central to this approach is the use of music, particularly a song he composed, to facilitate bilingual education in Yanomami and Portuguese. This sets the stage for the authors to explore the intersection between Western scientific practices and the shamanic traditions of the Yanomami, particularly the concept of “white” science versus the knowledge associated with *hekura*. They highlight the significance of music and singing in Yanomami shamanic rituals, drawing parallels between Professor Edinho’s musical compositions, his teaching methodology, and the knowledge production of the *hekura-pajés*.

**Keywords:** *Ihiru* (Child); *Puhi Taamatima* (School); *Hekura* (Spirit and/or Shaman); Yanomami Education.